

# RONDAPOLICIAL RONDAPOLICIAL RONDAPOLICIAL RONDAPOLICIAL RONDAPOLICIAL

Uma das técnicas mais básicas do jornalismo policial é a ronda. Ligar para as delegacias e batalhões da cidade pode parecer fácil, mas o repórter com pouca experiência na área pode ficar cheio de dúvidas. Para quem ligar e em que ordem? Como o repórter deve abordar os policiais ao telefone para conseguir os melhores resultados? Como deve ser a relação dos jornalistas com a polícia? Que outras fontes de notícias devem ser monitorar durante a ronda?

Essas e outras questões sobre o assunto são respondidas neste manual, produzido a partir de entrevistas com repórteres e editores dos principais veículos de comunicação do Distrito Federal e com policiais civis e militares. Com linguagem clara e objetiva, o guia apresenta conselhos práticos que tratam desde a melhor forma de lidar com a polícia até como criar fontes dentro do meio. Boa ronda!

# RONDA POLICIAL

---

guiaguia  
prático  
parapara  
guiaguia  
prático  
parapara  
guiaguia  
prático  
parapara  
guiaguia  
prático  
parapara  
guiaguia  
prático  
parapara  
guiaguia  
prático  
parapara  
**REPÓRTERES**

MARINA DUTRA // PALOMA SUERTEGARAY





# Ronda policial guia prático para repórteres

1ª edição

Marina Dutra

//

Paloma Suertegaray

Thiago Lima  
projeto gráfico e diagramação

Brasília - DF

2013



# Sumário

## PARTE I: Introdução

Apresentação - 9

1 O que é a ronda? - 12

## PARTE II: As polícias

2 Estrutura e funções - 19

3 Como se relacionar - 33

## PARTE III: De olho em tudo que acontece

4 Para quem e quando ligar - 45

5 Sempre alerta - 55

## PARTE IV: À procura da manchete

6 Como selecionar as notícias - 65

A ronda em dez passos

- 73 -

INT

DUO

PRO

*parte 1*

ÇÃO

5





# *Apresentação*

A cobertura de polícia é um assunto que gera debate. Noticiar homicídios ou estupros pode não ser prazeroso, mas uma boa apuração serve de base para que a comunidade preste atenção ao tema da violência e discuta que mudanças podem ser feitas. Além disso, notícias policiais são, muitas vezes, a única maneira para que localidades periféricas e menos favorecidas apareçam nos jornais. Ainda que não seja a melhor forma de representação, ajuda a que o restante da sociedade tenha consciência de como é a situação nesses lugares.

Atualmente, editorias policiais de veículos de comunicação do Distrito Federal são compostas principalmente por jovens. É habitual que estagiários ou jornalistas recém-saídos da universidade sejam encarregados de ligar diariamente para as delegacias e batalhões de polícia - ou

“fazer a ronda”, como dita o jargão - e coletar informações sobre roubos, sequestros e homicídios do dia.

Correr atrás da notícia quente e treinar a agilidade necessária para dar conta da tarefa, sem descuidar da precisão, é um ótimo aprendizado para profissionais iniciantes, independentemente da área do jornalismo na qual desejam trabalhar. Além disso, saber como lidar com a polícia pode mostrar-se útil, ainda que o repórter mude para outra editoria.

Mesmo com a importância dada à área pela imprensa, o jornalismo policial é um tema pouco abordado nos cursos de graduação. Cobrir crimes requer uma série de conhecimentos e técnicas específicas que não são muito estudados em salas de aula. Por tal motivo, repórteres iniciantes podem encontrar complicações para se ambientar às editorias de polícia e entender como funciona a rotina de produção de notícias na área.

A ronda é, justamente, um dos métodos básicos do ramo, que serve como ponto de partida para levantar pautas policiais e que os alunos de jornalismo dificilmente praticam durante a faculdade. Essa falta de preparo foi o que inspirou a ideia de fazer este manual. Assim como outros “focas” (jornalistas novatos), as autoras também passaram pela experiência de ligar de delegacia em delegacia, sem saber direito o que perguntar ou para quem, durante seus primeiros trabalhos em redação.

Outro ponto essencial da ronda é o fato dela ser, com frequência, o primeiro momento em que o jornalista se relaciona com o policial e tenta estabelecer laços a longo prazo. No entanto, as editorias de polícia são vistas, geralmente, apenas como o pontapé inicial da carreira, uma fase transitória até conseguir outra vaga na redação. Por isso, muitas

vezes, os jornalistas não têm tempo suficiente para cultivar fontes na área.

A inexperiência e a carência de contatos dentro do meio acabam tornando os repórteres policiais novatos muito mais vulneráveis a serem enrolados pelas autoridades. A polícia tenderá a passar para a imprensa apenas aquilo que favorece a imagem da corporação. O repórter precisa ser crítico com os dados fornecidos, insistir para conseguir a história que procura e, assim, tentar evitar que o noticiário seja pautado por delegados, outros policiais e assessores.

Fazer com que os focas entendam como a polícia é estruturada e aprendam como aproveitar ao máximo a hora da ronda para conseguir boas pautas e fazer fontes são os objetivos deste livro. Com dicas práticas baseadas em entrevistas com jornalistas dos principais veículos de comunicação do Distrito Federal, o guia mostrará ao repórter que lidar com policiais não é tão difícil como parece e que manter bons relacionamentos na área é essencial para o sucesso no ramo.



# 1 *O que é a Ronda?*

Quem se aventura no jornalismo de polícia logo observa que a atividade emprega uma série de métodos próprios e tem um jargão particular. Uma das técnicas tipicamente utilizadas por repórteres da área é fazer “a ronda”. O termo se refere, no sentido mais restrito, ao monitoramento de unidades da Polícia Civil e da Militar com o objetivo de levantar informações sobre os crimes ocorridos no dia que possam render reportagens para o jornal, site, rádio ou TV onde o jornalista trabalha.

Quando o repórter “está de ronda”, uma das primeiras coisas que ele faz ao chegar à redação é ligar para as delegacias e batalhões e perguntar se houve algum acontecimento de maior relevância. Se o caso for interessante para uma matéria, ele será apurado. De maneira mais ampla, a ronda também inclui vigiar publicações, programas e sites de veí-

culos concorrentes, além de sondar blogs e redes sociais que possam ajudar na captação de pautas policiais.

Cada jornalista tem estratégias próprias para tornar a ronda mais eficiente e produtiva, que vão desde onde procurar na internet até diferentes jeitos de abordar os policiais ao telefone na hora de pedir informações. Cultivar fontes e aprender a lidar com as assessorias das polícias Civil e Militar são habilidades que também podem facilitar a tarefa.







*parte 2*

**POLÍCIAS**



## 2 *Estrutura e funções*

Antes de partir para a ronda é essencial que o repórter saiba com quem vai falar. A Polícia Militar tem atribuições bem diferentes das da Polícia Civil e cada uma delas participa de uma etapa da ocorrência policial. É preciso entender que uma não tem a obrigação de informar ao repórter detalhes de procedimentos que são de responsabilidade da outra. No Distrito Federal, há uma certa competição entre as duas polícias e, para evitar constrangimentos, é importante não confundi-las na hora da abordagem.

### **Polícia Militar**

A Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), assim como a dos estados brasileiros, é responsável pelo policiamento ostensivo e preventivo. Ela faz o patrulhamento

das ruas e é acionada quando alguém liga para telefone de emergência (190). A PM é a primeira a chegar ao local do crime, persegue e prende infratores em situações de flagrante, quando consegue. A partir daí, a investigação do fato cabe à Polícia Civil.

É importante saber que não há hierarquia entre as polícias. Tanto os policiais militares quanto os policiais civis são subordinados ao governador, que é a mais alta autoridade administrativa na área de segurança pública. Entretanto, dentro da PM há divisões, e o repórter precisa ficar atento a elas. As patentes vão do soldado ao coronel, nessa ordem: soldado, cabo, sargento, subtenente, aspirante a oficial, tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel. Em caso de conversa pessoal, uma placa no uniforme do policial identifica sua patente.

## Assessoria

A Divisão de Comunicação da Polícia Militar é chamada pelos policiais de Assessoria de Imprensa e funciona no Quartel do Comando Geral (QCG), que fica no Setor Policial Sul, em frente ao Cemitério Campo da Esperança. Quando o repórter liga para a assessoria da PM, ele é atendido por um militar que, em regra, não é jornalista. A seção é comandada pelo chamado “oficial de imprensa” e pelo “adjunto ao oficial de imprensa”.

As informações que a assessoria transmite à im-

prensa são, em grande parte, aquelas transmitidas a ela pelo Centro Integrado de Atendimento e Despacho (Ciade) da Polícia Militar, divisão responsável por centralizar o atendimento de chamadas telefônicas de emergência policial realizadas por meio do número 190.

A PM possui batalhões espalhados pelas regiões administrativas do DF, responsáveis pelo policiamento local. Cada batalhão - pelo menos os de maior porte - tem o seu “P5”, que é o policial responsável pela assessoria de imprensa. Após o atendimento da polícia a uma ocorrência, o P5 costuma transmitir as informações para a assessoria, por meio de e-mail ou telefone, mas os dados podem ser transmitidos muito tempo após o ocorrido, o que dificulta o trabalho do jornalista.

O repórter tem que ter consciência de não exigir da Divisão de Comunicação informações muito detalhadas de um fato pouco tempo depois de ele ter acontecido. A equipe da assessoria da Polícia Militar é pequena, e embora em alguns casos os policiais responsáveis consigam ir para a rua levantar informações, eles não conseguem apurar todos os acontecimentos relevantes do dia. Algumas ocorrências são divulgadas no site da Polícia Militar ([pmdf.df.gov.br](http://pmdf.df.gov.br)), e a assessoria também possui um militar responsável por cuidar e abastecer as mídias sociais através do Twitter (@pmdfcom), Facebook ([pmdfocoficial](https://www.facebook.com/pmdfocoficial)) e Youtube (PMDFcom).

A assessoria da PM costuma passar o telefone do policial que está trabalhando na ocorrência, mas o jornalista precisa saber que não é sempre que ela tem

acesso à equipe que está no local e, em alguns casos, o militar que está atendendo o fato não gosta de dar entrevistas ou simplesmente não quer falar. O repórter pode cobrar as informações da assessoria, mas a obrigação do PM é primeiro cuidar da ocorrência e, só depois, caso haja possibilidade, passar as informações para a imprensa.

## Batalhões

Existem cinco comandos intermediários dentro do Departamento Operacional (DOp) da Polícia Militar: os Comandos de Policiamento Regional Metropolitano (CPRM), Leste (CPRL), Oeste (CPRO), Sul (CPRS) e o Comando de Missões Especiais (CME). Os Batalhões de Polícia Militar (BPM) são subordinados aos comandos intermediários. Os batalhões são listados do 1º ao 28º, mas cinco deles ainda não estão em atividade. Segue a lista:

- 1º Batalhão de Polícia Militar (1ºBPM) - Asa Sul
- 2º Batalhão de Polícia Militar (2º BPM) - Taguatinga
- 3º Batalhão de Polícia Militar (3º BPM) - Asa Norte
- 4º Batalhão de Polícia Militar (4º BPM) - Guará
- 5º Batalhão de Polícia Militar (5º BPM) - Lago Sul,  
Embaixadas, Consulados e residências diplomáticas

- 6º Batalhão de Polícia Militar (6º BPM) - Zona Central de Brasília
- 7º Batalhão de Polícia Militar (7º BPM) - Cruzeiro e Sudoeste
- 8º Batalhão de Polícia Militar (8º BPM) - Ceilândia
- 9º Batalhão de Polícia Militar (9º BPM) - Gama
- 11º Batalhão de Polícia Militar (11º BPM) - Samambaia
- 12º Batalhão de Polícia Militar (12º BPM) - Atua como Batalhão Judiciário
- 13º Batalhão de Polícia Militar (13º BPM) – Sobradinho
- 14º Batalhão de Polícia Militar (14º BPM) - Planaltina
- 16º Batalhão de Polícia Militar (16º BPM) - Brazlândia
- 17º Batalhão de Polícia Militar (17º BPM) - Águas Claras e Vicente Pires
- 19º Batalhão de Polícia Militar (19º BPM) - Complexo Penitenciário
- 20º Batalhão de Polícia Militar (20º BPM) - Paranoá
- 21º Batalhão de Polícia Militar (21º BPM) - São Sebastião
- 24º Batalhão de Polícia Militar (24º BPM) - Lago Norte e Varjão
- 25º Batalhão de Polícia Militar (25º BPM) - Núcleo Bandeirante, Candangolândia e Park Way
- 26º Batalhão de Polícia Militar (26º BPM) - Santa Maria
- 27º Batalhão de Polícia Militar (27º BPM) - Recanto das Emas
- 28º Batalhão de Polícia Militar (28º BPM) - Riacho Fundo e Riacho Fundo II



## Polícia Civil

As funções dos policiais civis estão voltadas para a investigação de delitos e a elaboração de medidas para combater a criminalidade. Por exemplo: em um caso de homicídio, é a PM quem responde ao chamado de emergência e vai até o local para controlar a situação. A seguir, é responsabilidade da Polícia Civil levar adiante a apuração do ocorrido, colher evidências, interrogar envolvidos e tentar identificar e prender possíveis suspeitos. A longo prazo, ela também é a encarregada de levantar dados sobre os homicídios da região e, a partir deles, formular planos para diminuir a incidência desses crimes.

A Polícia Civil do DF (PCDF) é composta pela área administrativa, pela Academia e o Conselho Superior - com os quais os jornalistas não têm contato na hora da ronda -; pelas delegacias circunscricionais e pelos Departamentos de Polícia Especializada, de Atividades Especiais e de Polícia Técnica.

No DF, são 31 delegacias circunscricionais, localizadas nas diferentes regiões administrativas. Elas se ocupam de investigar os crimes acontecidos na sua área e, geralmente, é nelas que fica centrada a ronda dos jornalistas, já que é onde são registrados os boletins de ocorrência. Elas funcionam todos os dias, por 24 horas, em regime de plantão.

O cargo mais alto dentro das delegacias de polícia (DPs)

é o de delegado-chefe ou titular, responsável por coordenar e supervisionar todas as atividades da unidade. Na maioria das vezes, ele é a fonte oficial para dar informações sobre os crimes e é quem encabeça as coletivas de imprensa. Existem, ainda, os delegados-adjuntos - que têm a função de assessorar o titular - e os delegados plantonistas, também habilitados para tratar com jornalistas.

Subordinados aos delegados, os agentes se encarregam de executar as operações policiais, como comparecer ao local do crime, ouvir todas as partes e prender os suspeitos. Eles também têm a função de atender o público nas delegacias e, usualmente, é com eles que o repórter fala quando faz a ronda.

Existem outros funcionários dentro das DPs, como peritos, que se ocupam da análise científica de vestígios nas cenas de crime (como exames balísticos e de DNA), e papiloscopistas, que trabalham com identificação humana, principalmente por meio da coleta de impressões digitais. O jornalista geralmente não entra em contato com esses profissionais durante a ronda.

Cada delegacia também tem um cartório, onde os escrivãos trabalham realizando diversas formalidades processuais, como redigir boletins de ocorrência, autos, termos, mandatos e ordens de serviço. É possível que o repórter de polícia tenha que lidar com eles caso necessite acessar uma ocorrência que já tenha sido arquivada, por exemplo.

O Departamento de Polícia Especializada e o de Atividades Especiais são compostos por diversas delegacias e divisões policiais que atuam cada uma em uma área espe-

cífica. Algumas delas são a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM), a da Criança e do Adolescente I e II (DCA I e II) e a de Repressão a Pequenas Infrações (DRPI), que funcionam de forma similar às circunscricionais, em regime de plantão. Outras seções, como a Divisão de Homicídios e a de Repressão à Drogas, atendem apenas em horário comercial e, em regra, ocupam-se de investigar casos de maior porte. A detenção de um traficante local, por exemplo, ficará a cargo de uma DP circunscricionada. Já a desarticulação de um esquema de tráfico que atinge várias regiões administrativas do DF provavelmente será repassada para uma especializada.

Em geral, tais delegacias são mais fechadas que as outras no que diz respeito a dar informação, e não é recomendando ligar para elas na ronda. Inclusive porque só funcionam de dia, o que impede repórteres que trabalham de madrugada de apurarem qualquer coisa com elas. Quando houver um caso de maior importância, o mais comum é que os jornalistas sejam convocados para uma coletiva de imprensa.

O Departamento de Polícia Técnica, por fim, abrange os Institutos de Medicina Legal (IML), de Criminalística e de Identificação. Também não é aconselhável ligar para eles durante a ronda, apenas se for preciso conseguir algum dado específico ou checar algum detalhe.

## Divisão de Comunicação

A Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom) é o órgão responsável por fazer a intermediação entre jornalistas e policiais. Algumas de suas tarefas são marcar entrevistas coletivas, levantar estatísticas a pedido de repórteres e repassar informações sobre crimes em investigação.

A orientação geral da Divicom é que todas as interações entre a polícia e a imprensa passem pela assessoria primeiro. Ela recomenda, inclusive, que a imprensa não faça ronda diretamente nas delegacias e que não ligue para os delegados sem primeiro pedir entrevista via Divicom. No entanto, dificilmente os repórteres seguem o procedimento em todas as ocasiões, já que isso pode tomar um tempo do qual eles nem sempre dispõem.

A Divicom mantém um mailing para o qual são enviados resumos diários com as ocorrências de destaque e eventuais avisos de coletiva. Se o repórter precisar de detalhes específicos sobre um fato ou dados estatísticos, a Divisão disponibiliza um e-mail para o qual é possível enviar a solicitação.

Ainda que tais recursos facilitem o trabalho da imprensa, essa burocracia pode tornar-se um empecilho para o jornalista, que precisa ter as informações da forma mais completa e rápida possível. Outro problema

com a Divicom é que, na maioria das vezes, ela passa para a imprensa apenas informações de crimes que já foram resolvidos, o que nem sempre é a opção mais interessante para os meios de comunicação. Por todas essas razões, o mais comum é que os repórteres liguem diretamente para as delegacias durante a ronda.

## Delegacias

As delegacias circunscricionais enumeram-se da 1ª até a 38ª, sendo que seis não estão em atividade. Cada uma se encarrega de uma determinada área, como indica a lista a seguir:

- 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul)
- 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte)
- 3ª Delegacia de Polícia (Cruzeiro Velho)
- 4ª Delegacia de Polícia (Guará I/II)
- 5ª Delegacia de Polícia (Setor Central)
- 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá)
- 8ª Delegacia de Polícia (SIA)
- 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte)
- 10ª Delegacia de Polícia (Lago Sul e Aeroporto)
- 11ª Delegacia de Polícia (Núcleo Bandeirante)
- 12ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Centro)

- 13ª Delegacia de Polícia (Sobradinho)
- 14ª Delegacia de Polícia (Gama)
- 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia)
- 16ª Delegacia de Polícia (Planaltina)
- 17ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Norte)
- 18ª Delegacia de Polícia (Brazlândia)
- 19ª Delegacia de Polícia (P Norte)
- 20ª Delegacia de Polícia (Gama)
- 21ª Delegacia de (Taguatinga Sul)
- 23ª Delegacia de Polícia (P Sul)
- 24ª Delegacia de Polícia (Ceilândia - Setor O)
- 26ª Delegacia de Polícia (Samambaia)
- 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas)
- 29ª Delegacia de Polícia (Riacho Fundo)
- 30ª Delegacia de Polícia (São Sebastião)
- 31ª Delegacia de Polícia (Planaltina)
- 32ª Delegacia de Polícia (Samambaia)
- 33ª Delegacia de Polícia (Santa Maria)
- 35ª Delegacia de Polícia ( Sobradinho II)
- 38ª Delegacia de Policia (Vicente Pires)

## Delegacias especializadas

Há dez delegacias e departamentos especializados no Distrito Federal:

- Delegacia da Criança e do Adolescente I (Asa Norte)
- Delegacia da Criança e do Adolescente II (Taguatinga)
- Departamento de Roubos e Furtos de Veículos (DRFV)
- Departamento de Repressão a Sequestros (DRS)
- Departamento de Repressão contra Roubos e Furtos (DRF)
- Delegacia de Repressão ao Crime Organizado (DECO)
- Departamento de Polícia Especializada (DPE)
- Delegacia de Combate aos Crimes Contra a Propriedade Imaterial (DCPIM)
- Delegacia Especial de Atendimento a Mulher (DEAM)
- Coordenação de Repressão Às Drogas (CORD)







### 3 *Como se relacionar*

A relação entre polícia e jornalistas é de desconfiança. Policiais acham que repórteres estão sempre dispostos a prejudicar a imagem de delegacias e corporações, o que torna o convívio nada amistoso. E jornalistas suspeitam que policiais escondem informações relevantes. Pela ronda, é possível estreitar o relacionamento e criar um laço profissional, que facilita futuros contatos.

Para conseguir boas pautas é importante ter fontes nas polícias e estabelecer vínculos com elas. Se o repórter liga todos os dias para os mesmos lugares e fala com as mesmas pessoas, é natural que o contato o aproxime do policial e torne a relação mais branda.

Mas um jornalista não vai começar hoje na cobertura policial e em pouco tempo ter boas fontes apenas com breves ligações. Estabelecer esse vínculo é um processo longo, que envolve tempo e confiança.

## Ir até a fonte

O ideal é que o repórter vá às delegacias, aos batalhões e às assessorias de comunicação, se apresente e conheça os policiais com quem ele fala todos os dias pelo telefone. Por mais que na maioria das vezes o contato se faça à distância, se o policial conhece quem está solicitando as informações, a chance de ele passá-las é muito maior.

## Ser preciso

Para conseguir fontes é essencial ser fiel às informações passadas pela polícia. Lembrar sempre de colocar o nome da fonte na matéria e não escrever nada além do que ela passou é outro ponto que não deve ser esquecido. Dúvidas devem ser sanadas. Se tiver esquecido de pegar alguma informação, o repórter deve ligar de novo. Os entrevistados costumam acompanhar a matéria para a qual contribuíram e o jornalista perde a credibilidade se não for fiel às informações que consegue.

## Dividir

Quando possível, dividir a ronda entre os repórteres encarregados de fazê-la, de modo que cada um ligue sempre para os mesmos lugares e fale com as mesmas pessoas, facilita a aproximação com os policiais e o cultivo das fontes. Além de otimizar o trabalho, ser educado e atento às informações dadas pelo policial aumenta as chances de ser bem atendido na próxima ligação.

## Ter bom senso

Por mais que o contato com a polícia seja essencial, o repórter deve evitar repetir a ronda de meia em meia hora, por exemplo. Como já citado, a equipe responsável por lidar com a imprensa é pequena e os policiais passam o dia inteiro atendendo o telefone. O jornalista não tem necessidade de fazer a ronda o tempo inteiro, já que as informações levam um tempo para chegar às assessorias e para serem repassadas à imprensa. É bom lembrar que não é nada agradável para o policial ter que repetir as mesmas coisas para várias pessoas, dezenas de vezes ao dia, mesmo que isso faça parte do trabalho dele.

Hora ou outra o repórter não vai ser atendido, vai se

deparar com alguém batendo o telefone no outro lado da linha e vai ser ofendido. É nesse momento que o jornalista precisa aprender a ter sangue frio e não discutir. O repórter deve se defender e exigir respeito, mas nunca devolver insultos gratuitos.

## Demonstrar interesse

Políciais gostam de receber elogios pelo trabalho deles e ter os nomes estampados nos jornais. No texto o repórter vai buscar distanciamentos, mas para conseguir as informações vale elogiar a polícia e comentar o desfecho de uma situação na qual o infrator foi preso. Se na ligação o jornalista sentir que o policial está bem-humorado, ele pode perguntar sobre o dia, comentar alguma pauta curiosa e aproveitar para passar o telefone e deixar claro que o policial pode ligar pra ele a qualquer hora. Passar números pessoais às fontes é prática comum entre os jornalistas.

No entanto, o relacionamento com a polícia não pode ultrapassar o lado profissional. O repórter pode até marcar um cafezinho com um delegado, para conversar sobre um caso em apuração, mas precisa ter cuidado para não se deixar manipular pela fonte.

## A abordagem no telefone

Ao ligar para a polícia o repórter deve sempre se apresentar, dizer para qual veículo trabalha e perguntar se o policial pode o atender no momento. Mesmo que já tenha ligado para vários números, esteja cansado, ou tenha sido atendido de forma grosseira, o jornalista precisa ser educado e demonstrar animação durante a abordagem. Começar a ligação com um “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite” também é um bom conselho.

Em um primeiro momento, quando o repórter ainda não conhece quem está do outro lado da linha, é importante ser formal. Alguns policiais se veem como autoridades e, para evitar confrontos, é bom tratá-los com formalidade. Com o tempo, é natural que a relação se torne mais descontraída.

## Tratamento

Ao se apresentarem, os policiais militares sempre dizem a patente antes do nome, por exemplo, “cabo Freitas”. É bom que o repórter a anote e se refira ao policial por ela, tendo o cuidado de não se confundir.

Nas delegacias de polícia, os telefones são atendidos, geralmente, pelos agentes que ficam nos balcões.

Ao se dirigirem a eles, vale chamá-los de senhor, tratamento que cabe bem em qualquer situação.

Quanto aos delegados, muitos gostam de serem chamados de “doutor”. O jornalista pode tratá-los assim em uma conversa por telefone ou pessoalmente, mas jamais deve levar a expressão para o texto. Se não quiser chamar de “doutor”, o repórter pode simplesmente chamá-lo de “delegado”.

## Como perguntar

A pergunta mais comum que o repórter faz durante a ronda é a clássica “tem alguma ocorrência de destaque (ou de vulto)?”. Os policiais já estão acostumados a ouvi-la e a experiência com os jornalistas já os faz saber separar aquilo que é importante ou não para a imprensa, mas a pergunta nem sempre é eficaz. Depois de questionar sobre os destaques, vale indagar sobre crimes mais específicos, por exemplo, “aconteceu algum homicídio esta noite?”, “houve alguma ocorrência de sequestro-relâmpago?”.

Outra dica é perguntar para o agente se ele pode checar no Millenium se houve algum fato de relevância. O Millenium é o nome do sistema no qual a Polícia Civil do DF registra todas as ocorrências. Se o repórter demonstra estar por dentro das ferramentas utilizadas nas delegacias é possível que consiga maior colaboração

dos agentes. No entanto, é importante saber que toda pesquisa que os policiais fazem no Millenium fica gravada, então eles podem se mostrar relutantes a procurar alguma coisa para o jornalista.

O repórter deve insistir, porque por mais que o policial diga que não houve nada de relevante pode haver algum crime que na visão dele não é importante, mas que pode render uma boa pauta. Porém, tome cuidado para não ser considerado chato demais. Se o policial continuar dizendo que não tem nada, passe para o próximo número da lista.

## Linguagem

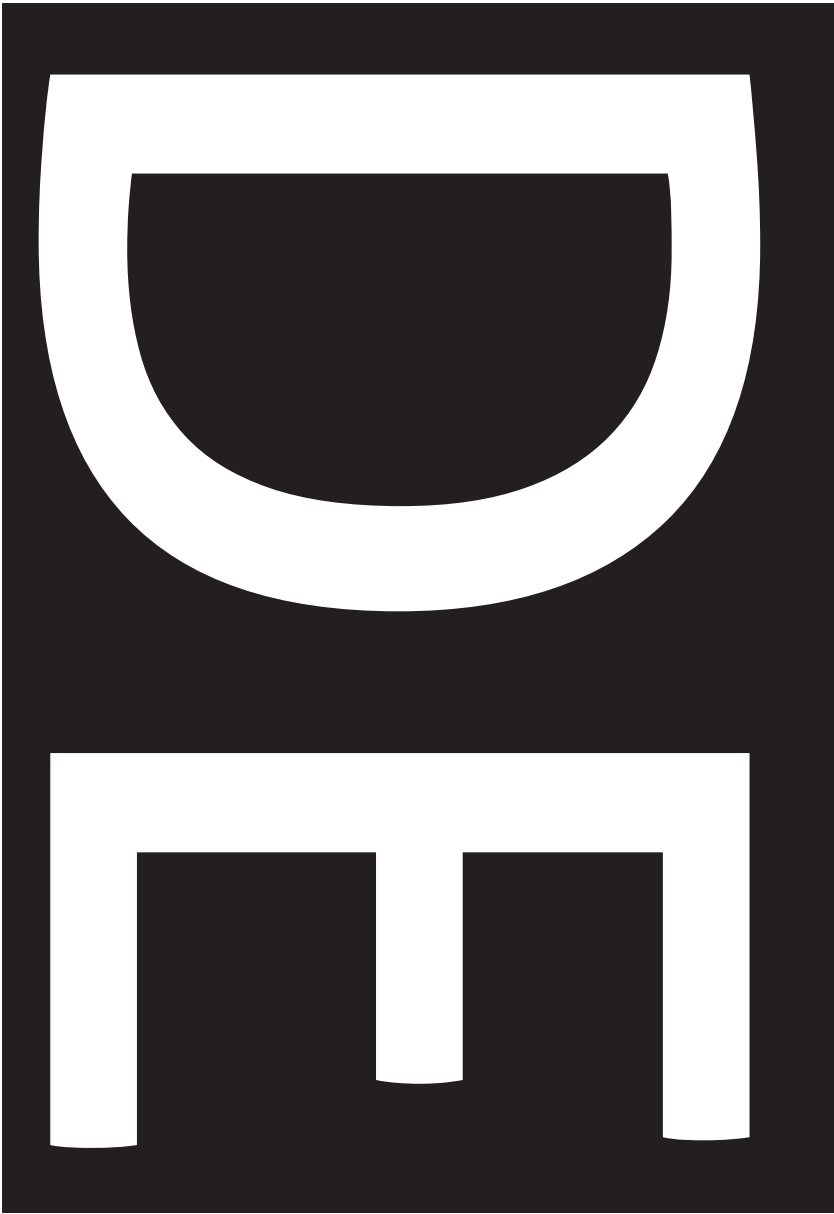
Grande parte dos veículos de comunicação do DF trabalham com a chamada rádio-escuta. A prática se refere a ouvir o canal de comunicação da polícia militar com sua central de operação. Embora a rádio-escuta seja ilegal, é uma das formas para que as redações fiquem sabendo de imediato onde a polícia está atuando.

Os repórteres que usam esse sistema têm maior contato com o linguajar da polícia, o que pode ajudar na hora da abordagem pelo telefone. Como não são todos os repórteres que têm acesso ao rádio da polícia, é bom conversar com os colegas que trabalham com o sistema para aprender algumas das gírias usadas pela polícia, que podem melhorar a comunicação na hora da ronda.



“Papa Mike”, por exemplo, significa PM. Outro hábito dos policiais é usar números ordinais para passar telefones ou endereços. Em vez de “um”, “dois”, ou “três”, que podem ser confundidos pelo rádio, eles dizem “primeiro”, “segundo” ou “terceiro”. “Graham Bell” é o termo que a polícia utiliza para se referir a telefone.





*parte 3*

**OLHO  
EM  
TUDO  
QUE  
ACONTECE**



## 4 *Para quem e quando ligar*

É recomendável que o repórter comece a ronda o mais cedo possível, por vários motivos. Primeiro, para ganhar tempo e poder se dedicar à apuração com menos pressa. Se o jornalista trabalha em uma rede de TV ou de rádio, é ainda mais importante que a ronda seja feita com agilidade, porque os programas têm horário para irem ao ar. Pode acontecer, por exemplo, que o caso de maior destaque do dia tenha sido em uma cidade distante. Então, quanto antes o repórter ficar sabendo dele, mais rápido pode chegar ao local do crime.

Para o repórter que trabalha pela manhã, o ideal é começar os telefonemas entre 6h e 8h. Nesse horário, as informações sobre os crimes que ocorreram na madrugada já estão mais consolidadas. Se houver tempo, ainda é possível fazer outras rondas ao longo do dia para garantir que não se tenha deixado passar nenhum fato importante. As rondas podem ser feitas de duas em duas horas (10h, 12h, 14h,

16h, 18h, e assim por diante).

É importante levar em conta que, em torno de 12h, os policiais das delegacias e batalhões geralmente trocam de plantão. Por isso, se for do interesse do repórter resgatar o que ocorreu pela manhã ou pela madrugada, por exemplo, ele precisa ligar para a polícia antes da troca de turno, já que o novo plantonista vai estar menos informado sobre o que está ocorrendo no DF. Por volta das 19h, há outra troca de plantão. Logo, é recomendável que o repórter que trabalha à tarde apure tudo o que precisa antes desse horário.

## Ordem

A ronda pode ser feita em diferentes ordens e cada jornalista tem seu próprio método. No entanto, o conselho de grande parte dos profissionais encarregados de fazê-la é ligar primeiro para os Centros de Informação e Administração de Dados da Polícia Militar e da Civil (CIAD), já que eles monitoram o sistema de rádio das respectivas corporações e podem dar um panorama geral sobre o que está acontecendo no DF. A seguir, o jornalista de ronda pode ligar para as delegacias, uma por uma, e perguntar se há algum destaque.

As localidades mais afastadas do Plano Piloto costumam ter alta incidência de crimes de relevância, como homicídios, por exemplo. Ligar primeiro para as delegacias dessas cidades e captar tais pautas o mais rápido possível

permite ganhar tempo para se deslocar até o local do fato e começar a apuração.

Muitos veículos de comunicação também cobrem acontecimentos das cidades do Entorno do DF. As delegacias desses municípios costumam passar boas pautas de polícia, mas, além de ficarem longe, a maioria fecha às 18h. Então, é aconselhável não deixá-las para o final da ronda, já que isso pode acabar dificultando a obtenção de informações.

## Duração

Uma ronda completa, incluindo CIADs e delegacias, costuma durar em torno de 40 minutos. Uma boa dica é manter uma lista bem organizada, com todos os telefones necessários, que o jornalista pode ir incrementando ao longo do tempo com os contatos das fontes que conseguir.

Quando estiver fazendo a ronda, o jornalista não pode se demorar com números ocupados. Ele deve passar para o próximo e depois retornar para os que ficaram faltando. É bom lembrar de anotar todas as informações no bloco de anotações ou direto no computador, para depois poder decidir qual tem maior relevância e qual será apurada primeiro.



## Outros métodos

Em geral, as delegacias são a prioridade de quem está fazendo ronda, mas existem outros caminhos que jornalistas podem buscar. Alguns repórteres preferem focar nos batalhões, por exemplo, já que a Polícia Militar costuma ser mais receptiva respeito a passar informações que a Civil. Há também quem opte por ligar diretamente para os delegados. Esse método é recomendado apenas quando o jornalista precisa das informações com muita rapidez - como aqueles que fazem a ronda muito cedo ou precisam entrar no ar rápido, para não correr o risco de desgastar a relação com os chefes das delegacias.

## Com quem apurar

É preciso ficar muito atento com o que pode ser apurado com a Polícia Civil e com a Militar. Fazer ronda com batalhões, por exemplo, permite a ficar sabendo das ocorrências mais rápido, já que é a PM quem vai primeiro para o local do crime. Às vezes, os policiais militares podem ter inclusive presenciado o fato, o que os habilita a descrever a cena em detalhes para o jornalista.

No entanto, como a PM não investiga os delitos, os da-

dos que ela pode proporcionar são preliminares e é preciso ter muito cuidado ao publicá-los. Até na hora da ronda, é recomendável confirmar tudo que é passado pela Polícia Militar antes de ir para a rua. É comum, por exemplo, que a PM receba um chamado de emergência dizendo que aconteceu um homicídio em tal lugar e que ela passe essa informação para o repórter. No entanto, quando ele for até lá para apurar o caso pode acabar descobrindo que tratou-se de uma troca de tiros sem vítimas.

A Polícia Civil, por outro lado, se encarrega de investigar os crimes mais a fundo e reconstruir a dinâmica dos acontecimentos. Logo, os delegados são quem têm a versão oficial da história. Eles podem informar em que pé está a investigação de um crime ou consultar antecedentes policiais, por exemplo.

Por outro lado, há situações em que a versão da Polícia Militar pode ser mais rica. Se for um caso no qual a PM realmente tenha participado, como uma perseguição de carros, ela pode passar detalhes interessantes sobre como a ocorrência se desenvolveu. Qual foi o trajeto? Qual foi a reação do suspeito? Quem está envolvido no episódio?

Para evitar erros na hora da ronda, o melhor caminho é checar tudo. Se o repórter pegou um dado com os bombeiros, por exemplo, deve procurar cruzar a informação com as polícias Civil e Militar. A notícia ficará muito mais consistente e completa.

## Outras fontes

Existem outras fontes às quais os repórteres policiais podem recorrer em busca de pauta. No entanto, é preciso ficar atento à função de cada uma e ao tratamento específico que requerem.

### Delegacias e Divisões Especializadas

Em geral, tais unidades são mais fechadas que as outras no que diz respeito a dar informação, e não é recomendado incluí-las na ronda. Inclusive, porque só funcionam de dia, o que impossibilita aos repórteres que trabalham de madrugada apurarem qualquer coisa com elas. Quando houver um caso de maior importância, o mais comum é que os jornalistas sejam convocados para uma coletiva de imprensa.

### Polícia Federal

A Polícia Federal encarrega-se de apurar crimes contra a União, combater o tráfico de drogas a nível

nacional e vigiar áreas marítimas, aeroportos e fronteiras. Ela se dedica a investigar casos de maior porte e, assim como as delegacias especializadas, é bem restrita em relação a passar informações. Geralmente é marcada uma coletiva de imprensa quando há um acontecimento de relevância envolvendo a Polícia Federal. Evite ligar para ela na ronda e apenas entre em contato se precisar de algum dado específico.

## **Bombeiros**

Eles são uma boa fonte para informar em primeira mão acidentes de trânsito na cidade. Frequentemente, os bombeiros também são requisitados para atender vítimas em cenas de crime, como no caso de tentativas de homicídio. Eles podem chegar ao local antes que a polícia, então é aconselhável incluí-los na ronda. O tratamento dispensado aos bombeiros não difere muito do da polícia. Uma boa dica é se referir a eles pela patente, da mesma forma que com policiais militares.

## **Hospitais**

Poucos repórteres utilizam do recurso, mas hospitais também podem proporcionar boas histórias poli-

ciais ou, pelo menos, dados importantes para a apuração. Em situações envolvendo vítimas de armas de fogo ou facadas, por exemplo, hospitais podem informar sobre o estado de saúde dos pacientes ou a eventual morte. É possível, inclusive, que um dos feridos tenha um mandado de prisão em aberto e que por isso tenha preferido não avisar a polícia que foi baleado, então o caso pode demorar mais para chegar até a delegacia. Para não perder esse tipo de pauta, é recomendável fazer ronda nos hospitais, quando o repórter tiver tempo.

Além disso, hospitais do DF costumam atender muitos pacientes do Entorno, inclusive vítimas de crimes. Ligar para as unidades de saúde pode ser uma forma de ficar sabendo desses casos.

A maioria dos hospitais tem um posto policial e é aconselhável que o jornalista ligue para lá na hora da ronda. A abordagem é a mesma de quando se liga para uma delegacia: perguntar se houve algum destaque.

O repórter também pode contatar a unidade de traumas ou a chefia de equipe do hospital, que podem ter os dados que ele precisa. As assessorias, no entanto, costumam ser bem mais fechadas e dificilmente passam informações sobre os pacientes.

## Tribunais

Repórteres policiais não costumam monitorar sites de tribunais ou ligar para eles na hora da ronda. No entanto, esses órgãos podem ser fontes valiosas e, inclusive, ajudar a incrementar alguma pauta.

Nos portais dos tribunais é possível saber, por meio de consulta, se alguém tem antecedentes criminais ou algum processo judicial em aberto, contanto que se tenha o nome completo da pessoa. A ferramenta pode contribuir para que uma história levantada durante a ronda tome uma nova proporção. Por exemplo: o repórter ficou sabendo que a polícia prendeu um homem de nome tal, acusado de uma tentativa de homicídio. Se o jornalista verificar que, além desse crime, o suspeito foi acusado de envolvimento em outros três assassinatos, a notícia pode tornar-se mais interessante.



## 5 Sempre Alerta

Além de ligar para as assessorias, delegacias e batalhões, o repórter precisa ficar atento a tudo que a polícia posta nos portais e nas redes sociais. Os sites da PM (*www.pmdf.df.gov.br*) e da Polícia Civil (*www.pcdf.df.gov.br*) costumam ser atualizados todos os dias. A notícia pode até demorar para ser postada, mas ela pode revelar algum detalhe que o policial não tenha passado por telefone. As redes sociais são fundamentais na hora da ronda, como o *Twitter*. O da PM é o *@ciadesspdf* e o da Polícia Civil # *@Divicom\_pcdf*.

Depois de monitorar o que a polícia coloca na internet, é importante acompanhar o que outros veículos de comunicação noticiam. É óbvio que é sempre melhor correr atrás das próprias pautas e tentar não copiar as notícias dos concorrentes, mas o repórter não pode deixar de informar um acontecimento relevante só porque outro jornal deu primeiro.

Na hora de acompanhar a concorrência, uma boa opção é dar prioridade aos jornais online. Como eles não possuem



uma grade fechada, as atualizações são feitas de forma muito mais ágil. Porém, é preciso ter cuidado com as informações obtidas pela Internet. Fatos que entram rapidamente na rede provavelmente também tiveram uma rápida apuração, que é muito mais suscetível a erros.

## Sites do DF

Embora não sejam dedicados exclusivamente à cobertura policial, reportagens sobre crimes aparecem com frequência nos portais de notícias do Distrito Federal e é importante monitorá-los, pelo menos, de hora em hora. Alguns deles são:

Clica Brasília - *[www.clicabrasilia.com.br/site/](http://www.clicabrasilia.com.br/site/)*

Correio Braziliense - *[www.correiobraziliense.com.br/](http://www.correiobraziliense.com.br/)*

G1 - *[g1.globo.com/distrito-federal/](http://g1.globo.com/distrito-federal/)*

R7 - *[noticias.r7.com/distrito-federal/](http://noticias.r7.com/distrito-federal/)*

O repórter não deve se contentar apenas com os portais abastecidos por jornalistas. Há *blogs* e sites escritos pela comunidade das cidades-satélites que também servem como fonte na hora da ronda. Porém, é preciso ter cuidado redobrado e checar as informações transmitidas por esses meios. Segue o link de alguns:

Blog do Protázio (Ceilândia) -

*[www.blogdoprotazio.com.br/](http://www.blogdoprotazio.com.br/)*

Informativo Flagrante (Sobradinho)

*- [www.informativoflagrante.com/](http://www.informativoflagrante.com/)*

Na Polícia e nas Ruas (cobre diversas cidades)

*- [www.napoliciaenasruas.com.br/](http://www.napoliciaenasruas.com.br/)*

## Sites do entorno

Com o crescimento do Entorno do Distrito Federal, algumas cidades goianas como Valparaíso, Luziânia e Águas Lindas ganham força nos noticiários. Embora não seja prioridade, ficar de olho em portais de notícias dessas regiões aumenta a quantidade de pautas e a possibilidade de se conseguir uma boa história. Confira os principais:

Val TV (Valparaíso – GO)

*- [www.valtv.org/index.php](http://www.valtv.org/index.php) -*

TV CMN (Águas Lindas – GO)

*- [www.tvcmn.com.br/](http://www.tvcmn.com.br/) -*

Ronda Policial (cobre as principais cidades do entorno do DF)

*- [www.rondapolicial.net/](http://www.rondapolicial.net/)*

## Rádios

O jornalista também deve ficar atento à programação de rádios de Brasília, que divulgam notícias locais com mais frequência que a televisão, por exemplo. Além disso, elas costumam transmitir informações por meio de site, *twitter* e *facebook*.

Repórteres que trabalham somente com a “escuta”, o monitoramento da concorrência e a ronda ficam com as rádios ligadas o tempo todo. O ideal é ouvi-las durante os deslocamentos para fazer uma apuração ou sempre que tiver um tempo, entre uma ronda e outra. Seguem as frequências e as redes sociais das principais rádios do Distrito Federal:

Band News FM Brasília - 90,5 FM

*@bandnewsbsb*

*www.facebook.com/BandNewsFmBrasilia*

CBN Brasília - 95,3 FM

*@cbrnbrasilia*

*www.facebook.com/radiocbn.brasilia*

## Telejornais

Mesmo não transmitindo as notícias no momento em que elas acontecem, os telejornais também são boas fontes, a imagem engrandece a notícia e pode dar ao repórter novas visões sobre determinado fato. Há emissoras locais de TV que dedicam grandes espaços ao jornalismo policial, como é o caso da Record e da TV Brasília. Os jornais da manhã trazem um bom panorama dos acontecimentos da madrugada, e os da tarde e noite, uma síntese do dia. Confira os principais programas com notícias e seus horários:

### TV Band

*Band Cidade* - 18h50, de segunda a sábado.

*Brasil Urgente Brasília* - 12h30 e 17h, de segunda a sexta.

### TV Brasília (RedeTV)

*DF Alerta* - 12h30 e 18h45 de segunda a sexta.

*Jornal Local* - 1ª edição - 12h, de segunda a sexta.

*Jornal Local* - 2ª edição - 19h15, de segunda a sexta.

*Jornal Local Edição da Noite* - 0h, segunda, 0h30, de terça a sexta.

### TV Globo

*DFTV* 1ª edição - 11h55, de segunda a sábado.

*DFTV* 2ª edição - 19h, de segunda a sábado.

**TV Record**

*Balanço Geral* – 12h45, de segunda a sábado.

*DF no ar* – 7h15, de segunda a sexta.

*DF Record* – 19h50, de segunda a sexta.

**TV SBT**

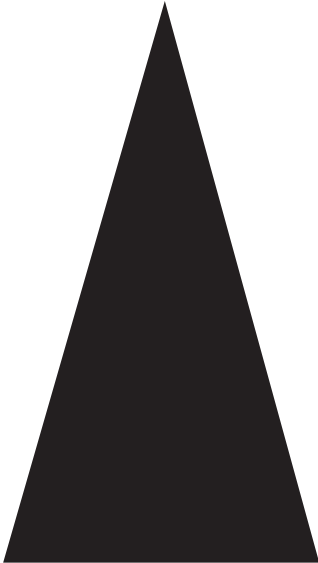
*SBT Brasília* – 12h30 e 19h45, de segunda a sexta.

## Jornais impressos

É sempre bom que o repórter leia os jornais impressos pela manhã. Embora as notícias pareçam velhas, lê-las é uma forma de manter-se atualizado e descobrir outros ângulos de notícias policiais. Além disso, boas pautas podem surgir da leitura dos jornais. Alguns casos, inclusive, podem render suítes, que é a retomada de determinada notícia.

No Distrito Federal os principais impressos que trazem notícias de polícia são o *Correio Braziliense*, *Jornal de Brasília*, *Aqui-DF*, *Na Hora H* e *Jornal Coletivo*.





**PROCURA**

**DA**

*parte 4*

**MANCHETE**





## 6 *Como selecionar as notícias*

Tudo o que o repórter pega na ronda deve ser anotado. Uma simples apreensão de arma pode se revelar peça-chave para a investigação de um crime ou até envolver uma personalidade pública. Homicídios por acerto de contas talvez não interessem ao veículo no qual o jornalista trabalha, mas podem servir para um balanço da semana, por exemplo.

Para saber o que deve merecer maior atenção, o jornalista deve conhecer a linha editorial do jornal que trabalha. Crimes em cidades-satélites, por exemplo, são manchetes em alguns jornais, mas não entram nem como notas em outros. O mesmo vale para um roubo no Lago Sul. Alguns veículos dão muita importância, outros não consideram o fato nem notícia.

Com o tempo o repórter começa a perceber o que vale para o seu veículo e naturalmente vai selecionando as notícias durante a ronda. Mas é melhor sempre passar o que apurou para o editor, para não deixar passar algum caso

que pareça bobo no início, mas acabe tomando proporções maiores no futuro.

Porém, há alguns critérios para serem levados em conta na hora da ronda. Cada veículo vai dar prioridade a alguns deles, mas geralmente seguem uma mesma base.

## Atualidade

É o principal critério para um crime ser notícia. Ninguém quer saber o que aconteceu na semana passada, o legal é ficar por dentro do homicídio que ocorreu na madrugada ou do seqüestro-relâmpago da noite de ontem.

## Proximidade

Crimes que acontecem próximos às casas das pessoas comovem. Não importa se o latrocínio foi na Asa Norte ou no Paranoá, alguém vai ser tocado pela notícia. É essencial informar ao cidadão como está a segurança nas redondezas da casa dele. É uma forma de alertar as pessoas sobre o perigo que elas podem correr ao resistir a um assalto ou ficar esperando dentro do carro durante a noite.

## Mortes

A morte sempre pode ser notícia. Principalmente se for muito violenta (como aquelas que envolvem tortura, por exemplo), acontecer no local de trabalho ou em área nobre da capital. Crimes passionais ou entre familiares também ganham maior destaque.

## Mistério

O crime de um casal encontrado morto dentro de um apartamento na Asa Norte, por exemplo, envolve mistério e aguça a curiosidade do público. A mesma inquietação acontece quando jovens desaparecem em Luziânia e a polícia encontra as ossadas durante as investigações. Roubos curiosos, como o de um vibrador de ouro no Plano Piloto, também viram notícia.

## Sexo

Crimes que envolvem pedofilia, estupros e exploração sexual geram indignação no público. O fato se torna ainda mais relevante quando os suspeitos são parentes, amigos, autoridades ou religiosos, como padres e pastores.

## Notoriedade

Pessoas famosas sempre viram notícia. Se for um político, então, a manchete é certa. Crimes envolvendo celebridades e autoridades ganham uma proporção muito maior na mídia, mesmo que seja apenas uma discussão, que não se destacaria se envolvesse pessoas comuns.



**A**

**RONDA**

**EM**

**10**

**PASSOS**





## *A ronda em dez passos*

1| Mantenha uma agenda atualizada com telefones de batalhões da Polícia Militar, delegacias, Corpo de Bombeiros, hospitais e assessorias de imprensa desses órgãos.

2| Monitore permanentemente sites e programas televisivos e radiofônicos dos veículos de comunicação concorrentes. Também fique atento ao que é divulgado nos portais das polícias.

3| Ligue primeiro para os Centros Integrados de Atendimento e Despacho (CIADs) das polícias Civil e Militar e pergunte se aconteceu algum crime relevante nas últimas horas ou se há novidades sobre casos já noticiados.

4| A seguir, ligue para todas as delegacias e batalhões do Distrito Federal para saber quais foram os fatos de destaque do dia.

5| Hospitais e Corpo de Bombeiros podem ser consultados em caso de acidentes ou crimes com vítimas. Ligue primeiro para os bombeiros e, se eles informarem o hospital para o qual a vítima foi transportada, telefone para obter detalhes sobre o estado de saúde dela.

6| Seja sempre simpático durante as abordagens. Chame os policiais militares pelas patentes e os agentes da Polícia Civil de “senhor”. Delegados podem ser chamados de “doutor”, mas nunca leve isso para o texto.

7| A ronda deve ser a primeira coisa a ser feita quando se chega à redação, seja às 8h, 14h ou 20h. Se possível, repita o procedimento de duas em duas horas.

8| Anote todos os dados que os policiais passarem. Se for usado computador, lembre de salvá-los.

9| Seja fiel às informações fornecidas pela polícia. A credibilidade é uma das melhores formas de conseguir boas fontes.

10| Insista. A visão do policial do que é relevante pode ser diferente da do repórter e, por causa disso, uma boa pauta pode ser perdida se o jornalista não for persistente.



